

OPERAÇÃO LAVA JATO



DELATOR CITA PROPINA EM BARRA DO RIACHO

Terminal aquaviário, em Aracruz, já foi citado duas vezes na Lava Jato



DIVULGAÇÃO

O lobista Mario Goes descreveu reunião em que acordo foi feito

SÃO PAULO

▄ O lobista Mario Goes, novo delator da Operação Lava Jato, afirmou em depoimento que houve pagamento de propina pela empreiteira Carioca Engenharia nas obras do GNL da Baía de Guanabara, no Rio, e no Terminal Aquaviário de Barra do Riacho, uma obra da Petrobras já concluída, em Aracruz. Ele não citou valores.

Mario Goes é apontado como operador de propinas na Diretoria de Serviços da Petrobras, que foi comandada por Renato Duque. O espaço é considera-

do da “cota” do PMDB.

À força-tarefa, o lobista contou que conheceu o executivo ligado a construtora Luiz Fernando dos Santos Reis no fim da década de 1960. Segundo Goes, ao saber que ele conhecia o executivo, o ex-gerente da Petrobras Pedro Barusco afirmou que o lobista “seria procurado por eles a fim de que fosse ajustada a forma de pagamentos dos valores que ele teria a receber”.

ACORDO

Mario Goes disse aos procuradores da República que houve uma reunião

CUSTO DA OBRA

R\$ 895
milhões

Foi o valor final da obra do terminal de Barra do Riacho, inicialmente orçado em R\$ 485 milhões.

em seu escritório, onde estavam Luís Fernando Reis e outro diretor da empreiteira, Roberto Moscou. Na oportunidade, afirmou o lobista, ficou acertado que “a Carioca faria pagamen-

tos em espécie e depósitos junto a conta Maranelle (controlada por Mario Goes na Suíça), cujos dados foram repassados a eles na oportunidade”.

“Os recursos depositados pela Carioca junto a conta da Maranelle eram em francos suíços, segundo recorda, sendo essa a única empresa que adotava essa moeda; que no tocante as obras relacionadas a esses pagamentos cita o Terminal Aquaviário de Barra do Riacho, GNL da Baía de Guanabara, o qual teria sido pago em duas oportunidades, segundo tabela elaborada por

Pedro Barusco”, constou no depoimento do lobista.

HOMOLOGAÇÃO

Ontem, o juiz federal Sérgio Moro, que conduz as ações da Operação Lava Jato, homologou a delação premiada de Mario Goes. Preso desde fevereiro, o lobista já prestou 13 depoimentos, indicando os caminhos do dinheiro ilícito.

Em outro termo da delação, Goes confirmou que usou suas empresas, a RioMarine e a Phad Corporation, para repasse de propina e lavagem de dinheiro da Andrade Gutierrez para

a Diretoria de Serviços da Petrobras. Ele disse, também, que abriu contas no banco Safra, na Suíça, para movimentar valores.

Esta é a segunda vez que o terminal de Barra do Riacho é citado nos autos da Lava Jato. Em novembro do ano passado, o vice-presidente executivo da construtora Mendes Júnior, Sérgio Cunha Mendes, confessou ter pago propina de R\$ 5 milhões ao doleiro Alberto Youssef durante a construção da obra.

A Carioca Engenharia informou que não vai se manifestar neste momento.

Colaborador diz que PT deu suporte à corrupção

SÃO PAULO

▄ O novo delator da Operação Lava Jato, Mario Goes, declarou à força-tarefa que o PT dava “algum suporte” ao esquema de corrupção na Petrobras.

Apontado como operador de propinas da Diretoria de Serviços da Petrobras, ele afirmou que usava suas empresas para receber valores do ex-gerente de Engenharia da estatal Pedro Barusco.

“Nessa época (por volta de 2003 ou 2004), Pedro Barusco propôs ao decla-

rante que utilizasse a sua empresa a RioMarine, que era bastante conhecida e respeitada no mercado, para que ele pudesse receber suas comissões junto aos negócios em que ele tinha alguma relação”, transcreveu a Polícia Federal.

Em depoimento à PF, Mario Goes afirmou que Pedro Barusco lhe disse que já teria “outros esquemas da mesma natureza com outras empresas”. Ele contou que “se mostrou inicialmente preocupado com a proposta, embora já

sentisse que havia alguma atuação de Barusco nesse sentido há algum tempo”.

ESQUEMA

Segundo o delator, Barusco o tranquilizou dizendo que haveria outras pessoas envolvidas no esquema e que o “Partido dos Trabalhadores estaria dando algum tipo de suporte a essa atividade”.

Mario Goes explicou à força-tarefa da Lava Jato que “desde o início a divisão da comissão era feita da seguinte forma: o valor



Mario Goes assinou acordo de delação

era dividido por seis ou por sete”. Ele não soube dizer “ao certo porque às vezes era de uma forma ou de outra”, mas incluiu o nome do ex-diretor de Serviços da Petrobras Renato Duque como um dos beneficiários do dinheiro.

DIVISÃO

“Quando a divisão era por seis, Barusco dizia que duas partes seriam para Renato Duque, duas para o próprio Barusco, uma para o declarante”, registrou a PF. A sexta parte era dividida no

percentual de 60% para Barusco e 40% para o próprio Goes, ele disse.

Nas vezes em que a divisão era por sete, Mario Goes não soube para quem iria a sétima parte.

“Quanto ao valor destinado ao partido (PT), Barusco dizia que era ‘uma outra parte’, sendo que o declarante nunca participou e preferia não saber de tal assunto.” O PT tem reiterado que todos os valores que o partido arrecada têm origem lícita, são contabilizados e declarados à Justiça eleitoral. (AE)